

ENSINO RESSOCIALIZADOR: TRANSFORMAÇÕES NA NOSSA FORMA DE SER, PENSAR, AGIR E SENTIR

RESOCIALIZING EDUCATION: TRANSFORMATIONS IN THE WAY WE BE, THINK, ACT, AND FEEL

Thereza Denise Luna Parente Brasileiro*
Jacqueline Silva da Silva**

RESUMO

O presente artigo discorre sobre o ensino ressocializador, os princípios da ressocialização e os conteúdos ressocializadores. Através de pesquisa bibliográfica, realizou-se um estudo acerca da ressocialização como processo de ensino, conceituando, contextualizando e refletindo acerca da temática. Diferente do sentido de ressocialização com a finalidade de atender os inadaptados socialmente, a ressocialização como processo de ensino é aqui entendida como uma contribuição na construção de conhecimentos para o todo. Os saberes construídos em práticas pedagógicas escolares ou não escolares podem contribuir para a ressocialização de crianças, jovens e adultos. Assim, esse artigo de revisão de literatura discorre acerca da ressocialização como processo de ensino, seus princípios e conteúdos, buscando construir novos conhecimentos, pensamentos, atitudes e visões do processo de ensino e de aprendizagem de crianças, jovens e adultos.

Palavras-chave: Ensino. Ressocialização. Transformação.

ABSTRACT

The present article talks about resocialize teaching, the principles of resocialization and the socializer contents. Through bibliographical research, a study was made about resocialization as a teaching method, conceiving, contextualizing and reflecting on the theme. Unlike the sense of resocialization in order to serve the socially unfit, resocialization as a teaching process is understood here as a contribution to the construction of knowledge for the whole. Knowledge built-in school or non-school pedagogical practices can contribute to the resocialization of children, youth and adults. Thus, this literature review article discusses resocialization as a teaching process, its principles and contents, seeking to build new knowledge, thoughts, attitudes, and visions of the teaching and learning process of children, youth and adults.

Keywords: Teaching. Resocialization. Transformation.

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri- URCA; Pós-graduada em Arte e Educação pela Universidade Regional do Cariri- URCA; Aluna do Programa de Mestrado em Ensino, da Universidade do Vale do Taquari –Univates. tdeniseluna@hotmail.com

** Dra. em Educação UFRGS; Professora do curso de Pedagogia e do PPG Ensino da Universidade do Vale do Taquari-Univates. jacqueh@univates.br

Introdução

O conhecimento acerca do ensino ressocializador, neste estudo, é fundamentado em Souza (2007), autor com quem dialogo e que sustenta teoricamente minha discussão. Ao abordar o ensino enquanto processo de ressocialização, busca-se fundamentação em Freire (1990), na noção de ressocialização como **reconhecimento e reinvenção** (BERTHOFF, 1990; FREIRE, 1990; SOUZA, 2007), que são conceituadas ao longo desse estudo.

O foco central deste artigo é o entendimento, a compreensão do ensino ressocializador no contexto escolar, a partir da problematização de conhecimentos, quando os sujeitos passam a ter novas formas de ser, pensar, agir e sentir, bem como, a fazer novas leituras do mundo, até mesmo do seu próprio mundo, realizando a transformação de atitudes e de emoções na vida.

Assim, o texto que segue apresenta uma fundamentação teórica acerca do ensino ressocializador, dos princípios da ressocialização e dos conteúdos ressocializadores. Busca-se, nessa perspectiva, pensar o ensino para o desenvolvimento do ser estudante, auxiliando-o a tornar-se humanizado.

A ressocialização: processo de ensino

Nessa seção, abordo os conceitos e a contextualização da ressocialização como processo de ensino, com base na revisão de literatura sobre o processo de ensino ressocializador.

Segundo Freire (1989, p. 84), “não é possível fazer uma reflexão sobre o que é a educação sem refletir sobre o próprio homem”. O homem, de acordo com o autor, é um ser inacabado, incompleto que, por ter consciência de sua inconclusão, abre-se ao mundo e aos outros à procura de respostas às suas múltiplas perguntas.

Esse processo de busca de aprender, de educar-se, encontra-se na abordagem da educação popular que, segundo Feire (1989), faz-se com e para as classes populares, na medida em que estas classes ambicionam tornar os sujeitos autônomos de seu próprio conhecimento, objetivando proporcionar, a esses mesmos sujeitos, os meios para entender e transformar o seu mundo, problematizando-o à medida do seu próprio percurso epistemológico.

Em concordância a essa mesma perspectiva de se conceber o homem, Souza (2007), reafirma que os seres humanos estão permanentemente refazendo-se,

reconstruindo-se, produzindo-se, em razão da condição humana de seres inconclusos, buscando sempre maneiras mais prazerosas de convivência.

Durante a primeira infância, há a socialização, mas ela não é suficiente para o homem ao longo da vida. E nesse processo de constante refazer-se, encontra-se a socialização no momento em que o indivíduo está imerso em plena experiência coletiva e se evidenciam as habilidades individuais de desenvolvimento provocando o aprendizado e a ressignificação de realidades cotidianamente vividas.

Logo, a ressocialização é o processo que se dá quando, por motivo das variadas competências prontamente desenvolvidas, o sujeito intervém de forma significativa no processo de socialização ao reelaborar subjetivamente o pensamento materializado. Dessa forma:

[...] o ser humano [...] se constrói a partir do pensamento, da ação e do sentimento. [...] Consequentemente, as nossas intelecções – sabedoria, conhecimentos, ciências, artes – se constituem como realidade pensada ou pensamento materializado. Esse é o real. [...] O significado construído objetivamente só adquire densidade pelo sentido que a ele atribuímos. O sentido diz respeito ao valor subjetivamente elaborado e apropriado pelos sujeitos de uma experiência (SOUZA, 2004, p. 236).

Souza (2007) reforça que a ressocialização é dotada de múltiplos processos que ocorrem entre saberes, ações e sentimentos de um indivíduo ou de um grupo cultural com outras pessoas dos demais grupos culturais, o que resulta em novos conhecimentos e torna os envolvidos mais socializados ao problematizar suas próprias experiências, uma vez que:

O processo de ressocialização é, pois, a colocação do sujeito histórico-epistêmico individual ou social em polêmica com sua cultura, com suas experiências anteriores. Ajudar a questioná-las, a buscar desvendar seus mistérios, suas implicações é o primeiro passo da ressocialização. Mergulhar as pessoas em outras experiências ajuda-as a tomar a palavra, a reaprender a palavra para expressar as novas experiências [...]. (SOUZA, 2004, p. 147).

É plausível quando esse autor, ao referir-se sobre a ressocialização, ressalta o processo de “reaprender a palavra”, não apenas uma absorção de percepções, mas de reabsorção, de problematização cuja finalidade é tornar as pessoas mais humanas, mais socializadas e capacitadas para viver em diversidade social e cultural. Nessa lógica, as experiências ressocializadoras objetivam a recolocação dos sujeitos em diferença com sua cultura e suas experiências anteriores, ajudando-os a questioná-las e intervirem conforme à sua humanidade, uma vez que:

Ao nos denominarmos de SERES HUMANOS, entre diferentes nomes que damos aos outros animais (gato, cachorro, vaca, cabra, etc.), passamos a criar uma ideologia sobre nossa HUMANIDADE. Quando afirmamos: “José não tem humanidade”, “Antônia é desumana”, fica evidente que temos uma ideologia sobre o que nos faz humanos. Então, *ser humano* não é apenas um *nome*. É uma ideologia, ou seja, desejamos que o animal que denominamos de ser humano tenha uma maneira própria de viver e de conviver. Tenha uma maneira humana de viver, de ser (fazer, emocionar-se e pensar) (SOUZA, 1999, p. 41).

Souza (2007) afirma que a ressocialização se dá pelas possibilidades de o sujeito recriar-se. Nessa perspectiva, o ensino enquanto processo ressocializador preocupa-se com a realização do aluno, auxiliando-o a tornar-se eminentemente humano ao atualizar suas possibilidades humanas de ser.

[...] inclusive a escola é encarada como um problema cultural, como uma atividade cultural e um instrumento para o desenvolvimento da cultura, capaz de contribuir com a democratização fundamental da sociedade, da própria cultura, e com o enriquecimento cultural de seus diferentes sujeitos, especialmente, dos sujeitos populares, na medida em que constitui um lócus privilegiado para o confronto entre culturas ou traços culturais e elaboração de sínteses mais amplas, consistentes e provocadoras de novas perspectivas existenciais (SOUZA, 2004, p. 209).

Como vimos, o ser humano, segundo Souza (1999), é dotado por uma identidade própria do que se entende por *humanidade*. É indivíduo pela forma particular de pensar, de emocionar-se e de realizar de cada um frente ao mundo, às pessoas e às situações. É uma singularidade, em que o sujeito se distingue no interior da coletividade sendo ele mesmo, e se educa ao enfrentar individual e coletivamente os problemas que a vida apresenta.

A partir desse entendimento, um sujeito enquanto inconcluso busca reinventar-se a partir das problematizações das suas ações em um contínuo processo de vinculações entre si e o meio. Nessa lógica, o contato com divergentes fontes de saberes tais como: livros, aulas, notícias, artigos, contribuem, de forma efetiva, para o processo de ressocialização. Ressocialização esta que se dá tanto nos espaços formais quanto informais.

Freire (1981), ao referir-se aos espaços formais, salienta que o processo de construção do conhecimento desenvolvido pelas instituições deve se dar por meio de uma relação de “mão dupla” entre teoria e prática de tal forma que ambas são indissociáveis,

e mais que isso, não há um papel definido entre professor e aluno; o que significa dizer que inexistem a relação de sujeito e objeto, mas apenas de sujeitos.

Educador e educandos [...] se encontram na tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só ao desvelá-la e, assim, criticamente reconhecê-la, mas também no ato de recriar esse conhecimento, [...] nos homens como “corpos conscientes” e na consciência intencionada ao mundo (FREIRE, 1981, p. 61).

Esse ato de “recriar o conhecimento” faz-nos reportar à questão do ensino ressocializador no tocante ao processo de reinvenção e recongnição, resultando, nesse sentido, num ensino que transforme os alunos em verdadeiros “corpos conscientes” ao intervir no contexto sócio-histórico.

Na esteira desse raciocínio, podemos assegurar que no ensino, que se propõe ser ressocializador, tem de levar em conta que educador e educandos assumam o papel de sujeitos, ambos protagonistas do seu processo de aprendizagem.

O conhecimento é produto da construção recíproca entre sujeito e ensino; o ensino ajuda a construir a forma como o sujeito pensa e cria do mesmo jeito que são internalizadas por este mesmo sujeito, já que os seres humanos são constituídos por ações que ampliam e transformam seu raciocínio e, ao mesmo tempo, esses seres humanos estão constantemente transformando a prática de ensino.

Assim, a ressocialização enquanto processo de ensino ajuda os sujeitos a refletirem sobre as implicações desse processo, mergulhando as pessoas em novas experiências, auxiliando-as a tomarem decisões, a repensarem para expor novas experiências, identificar suas debilidades e potencialidades humanas, políticas, sociais, emocionais, éticas, entre outras dimensões.

Recongnição e reinvenção: princípios da ressocialização

Nessa seção, apresento os conceitos e a contextualização dos princípios da ressocialização, que são os processos de recongnição e de reinvenção.

Os processos de ressocialização influenciam na nossa humanização, nas transformações de nossas vivências, pensamentos e sentimentos. O princípio da ressocialização é reconceituado como processos de recongnição e de reinvenção, identificados no pensamento de Freire por Berthoff (1990).

Souza (2007), analisando o sentido dessas duas noções, descobre que as mesmas podem ser fundidas numa denominação sendo essa a ressocialização, ao frisar que os princípios de cognição e reinvenção são responsáveis pelas transformações dos atos do pensamento, atitudes e emoções do indivíduo. O referido autor ainda esclarece que a recongnição é um processo que envolve as mudanças da forma de pensar, de compreender a si mesmo, aos outros e o mundo; ao passo que a reinvenção se refere às transformações que mudam as nossas formas de sentir e agir.

É no processo de recongnição que estabelecemos a categoria analítica da problematização de saberes. Conforme o autor, um novo saber é construído a partir da problematização entre os saberes que uma pessoa já possui e outras informações, concepções e pensamentos adquiridos.

Esse paralelo provoca conflitos sociocognitivos que possibilitam a desconstrução dos conceitos anteriores e a construção de outra concepção do contexto abordado. A esse processo se dá o nome de recongnição.

De acordo com Souza (2007), existem ações possíveis diante das novas informações que são apresentadas das diferentes áreas do conhecimento: uma primeira atitude seria a de um diálogo de conhecimentos, certa negociação entre os saberes existentes com as novas informações recebidas.

A segunda constituiria a de rejeição do conhecimento anterior. Analisa-se como mais importante a nova informação, rejeitando-se a anterior. O autor considera essa atitude pouco comum, e, nesse contexto, o sujeito não aprende, já que nega o seu conhecimento e passa a reproduzir o que ouve e lê.

Enfim, uma terceira, considerada por Souza (2007), é a de submissão à mesmice ou recusa de escutar o outro; é o inverso da atitude anterior. Dessa vez, há uma rejeição total da nova informação, uma recusa a pensar sobre as informações recebidas, vistas ou sentidas. Nesse tipo de atitude não há aprendizagem, da mesma forma que na anterior, pois não se aceita pensar.

Essas possíveis atitudes (reações a outras informações a partir do alguém que já sabe) são fortemente influenciadas pelos costumes de cada um, pela religião que professa, pelos papéis sociais que desempenha, pelas condições materiais, pela situação de classe, de gênero ou de etnia de cada um. Mas, influenciam, também, para a ocorrência dessas atitudes, as relações pedagógicas estabelecidas entre professor e o grupo de alunos; o estilo de ensinar de cada professor. Por isso, cada um recebe a informação e reage de um jeito diferente. Aprende de uma forma particular (SOUZA, 1999, p. 26).

Esses elementos influenciadores, apontados acima por Souza, mostram que a atitude de adesão ou rejeição de um novo saber no processo cognitivo, não é aleatório, mas sim, justificada por todo contexto social do indivíduo, além das diversas nuances pedagógicas dos professores.

Berthoff, (1990) encontra em Freire (1990), abaixo transcrito, os alicerces para a elaboração do conceito de “processos cognitivos” por meio dos quais mulheres e homens ressignificam seu universo, o meio o qual está inserido, compreendendo-o de forma mais consciente. Tal compreensão produz um novo sentido à concepção e interpretação prévias do já conhecido. O relato de Freire, ponderado por Berthoff, está registrado nos seguintes termos:

[...] visitamos um Círculo de Cultura de uma pequena comunidade pesqueira chamada Monte Mário. Eles tinham como uma das palavras geradoras o termo BONITO, nome de um peixe, e, como codificação, um expressivo desenho do pequeno povoado, com sua vegetação, casas típicas, barcos pesqueiros no mar e um pescador segurando um bonito. Os aprendizes olhavam para essa codificação em silêncio. De repente, quatro deles se levantaram como se tivessem combinado antes, e se dirigiram para a parede em que estava pendurada a codificação. Olharam atentamente para a codificação bem de perto. Depois, foram para a janela e olharam para fora. Entreolharam-se como se estivessem surpresos e, olhando novamente para a codificação, disseram: “isto é Monte Mário. Monte Mário é como isto, e nós não sabíamos”. (BERTHOFF, 1990, p. 21).

Esse impacto de ver um fato corriqueiro por outro ângulo explica claramente o ato da reconição, uma vez que o processo cognitivo desenvolve a competência de identificar e respeitar o que os sujeitos conhecem, o seu saber, mas, ao mesmo tempo, a capacidade de, a partir desse conhecimento, ajudá-los a estabelecer um novo conhecimento, ao permitir que os sujeitos dispensem um olhar reflexivo sobre sua realidade para torná-los construtores de seu conhecimento e de sua oportuna reinvenção como sujeitos epistêmicos, cidadãos, profissionais, políticos e históricos, tornando-se indivíduos críticos e atuantes na sociedade, isto é,

O processo de reconição impõe uma consciência crítica ativa por meio da qual se apreendem as analogias e todos os demais atos da mente são executados, aqueles atos de nomear e definir, por meio dos quais construímos o significado (BERTHOFF, 1990, p. 20).

Assim, tem significado expor que a cognição é dependente da reconição quando:

[...] nunca vemos, simplesmente: vemos como, em termos de, com respeito, a luz de. Todas essas expressões assinalam os propósitos e os embaraços que constituem as fronteiras do discurso no uso. O conceito

de reconhecimento é um conceito com o qual e a respeito do qual devemos pensar (BERTHOFF, 1990, p. 21).

No curso da socialização, além da reconhecimento, temos a reinvenção, conceituada como a ação ou transformação da experiência a ser reinventada dada a partir de um olhar recongnitivo. Nesse contexto, equivaleria a inserir novos elementos na cultura que permitam vivenciar um novo conhecimento e novas experiências, além de conhecer outras configurações de nossa forma de ser, pensar, agir, sentir e de dizer, construindo outra cultura, permitindo uma nova ressocialização.

Em conformidade com Souza (2007), a reconhecimento e reinvenção são processos e vivências de intercomunicação e interação que garantam a socialização, valorização e a reconstrução de valores e conhecimentos. Portanto, um exercício contínuo, emancipatório e intercultural do poder, conhecer, fazer, emocionar, ser para ter, através das capacidades desenvolvidas, linguísticas, artísticas, argumentativas, decisórias, éticas e políticas. Tais processos são experienciados, simultaneamente, no dia a dia do sujeito, no decorrer de sua existência.

A teoria da inteligência criativa defendida por Quintás (2004) aproxima-se consideravelmente com o conceito de ressocialização de Souza (2007),no momento em que defende o ser humano como um ser de encontro que amplia suas percepções em permanente trocas com outros seres, na construção de novas relações e novos saberes. Assim, para o conceito de reinvenção, Quintás prefere usar o termo criatividade, constituindo num processo de *pensar bem* no qual consiste em ir muito além do mero acúmulo de informações em que a arte de pensar está em conexão com a arte de viver, de aprender e ensinar.

Quintás (2004) considera essa ação necessária e, para tanto, sugere uma prática que nos conduz a aprender a pensar, a fim de encontrarmos meios criativos da vida cotidiana, de nos expressar de forma convincente e entendermos o que será de nós ao tomarmos uma atitude ou outra. Reconhece que o ensino em criatividade e valores, é uma ação formativa difícil porque não deve se reduzir a ensinar alguns conteúdos, mas exige um artifício imaterial.

A partir dessas discussões, observamos a abrangência da aplicação de uma proposta de ensino ressocializador que se enquadra tanto no universo educacional quanto nos mais variados espaços de aprendizagem, mais que isto, além dessa complexidade de

atuação, a ressocialização requer dos sujeitos envolvidos, uma predisposição de lidar com os saberes socialmente construídos.

Ressaltamos, entretanto, que o ensino ressocializador, não se restringe apenas ao ato reflexivo, tampouco ao interventivo, na verdade, constitui-se de um interminável ciclo em que a reconição e reinvenção vão constantemente fazendo-se e se refazendo, somando a curiosidade indagadora com a ação transformadora.

Conteúdos ressocializadores

Esta seção discorre sobre os conteúdos ressocializadores: educativos, instrumentais e operativos, que despertam e efetivam a ressocialização como processo de ensino.

Os conteúdos ressocializadores, segundo Souza (2004), são estabelecidos pela compreensão, explicação e interpretação das contradições e possibilidades do contexto histórico e cultural em que estamos inseridos.

[...] afirmamos que o conteúdo dos processos educativos (conteúdos básicos de aprendizagem ou conteúdos educativos) é a construção da compreensão, da interpretação, da explicação da realidade natural e cultural. Esses resultam das análises das realidades naturais e culturais, em diferentes níveis, a partir de diversos enfoques teóricos em confronto com o saber da experiência feita (SOUZA, 2004, p. 209-210).

Portanto, Souza (2007) argumenta que os conteúdos embasam a proposta pedagógica, congregando e potencializando a práxis pedagógica. Nesse sentido, os conteúdos ressocializadores são os de caráter educativo, instrumental e operativo.

Os conteúdos educativos são todas as problemáticas presentes num dado contexto cultural, religioso, político, econômico, histórico, entre outras esferas. Portanto, são os conteúdos instrumentais de cada área do conhecimento, tais como: História, Geografia, Matemática, Ciências, que, junto com as demais, oferecerão um arcabouço teórico e prático explicativo para um dado fenômeno a ser estudado.

A existência ou a definição de um conteúdo educativo permitem que a escola e os sujeitos que dela fazem parte ampliem o significado de ensino e de aprendizagem, bem como, oferecem uma possibilidade maior para que tanto o professor como o aluno possam encontrar sentido para os conteúdos instrumentais.

No tocante aos conteúdos instrumentais, é importante salientar que são conteúdos essenciais para que o aluno possa conhecer, aprender e compreender o conteúdo

educativo. São os mais valorizados na escola, mas nem sempre de forma eficaz. São compostos pelo conhecimento das linguagens, conforme explicitado a seguir:

Os conteúdos instrumentais são compostos pela aprendizagem das linguagens: artísticas, verbais, matemáticas, históricas; e os conteúdos operativos, que necessitam dos anteriores, dão origem aos projetos de intervenção social, na medida em que o/a aluno/a levanta uma hipótese, questionamentos, dúvidas, perguntas em relação a algum aspecto do conteúdo instrumental e educativo que se estuda. Esses conteúdos devem ser expressos nas diferentes linguagens para entrar em interlocução nos diferentes e diversos âmbitos [...].

[...] os conteúdos instrumentais são os que serão imprescindíveis para a expressão, nas diversas línguas (verbais, artísticas e matemáticas), das compreensões em construção por educandos e educadores (SOUZA, 2004, p. 210).

Em referência aos conteúdos operativos, afirma Souza (2004, p. 210):

Tudo isso, contudo, torna-se inútil se não se chega à elaboração de projetos de transformação (conteúdos operativos) das situações que foram tomadas como objeto de conhecimento naquele específico processo educativo. Esses projetos são os conteúdos operativos dos processos educativos. Ou seja, instrumentos de intervenção social.

Os conteúdos operativos dão origem aos projetos de intervenção social na medida em que o aluno levanta várias hipóteses, questionamentos, dúvidas, perguntas, em relação a algum aspecto do conteúdo instrumental e educativo que vem sendo estudado.

São exatamente estas atitudes que geram possíveis projetos de pesquisa, que objetivarão dar respostas às problemáticas do tempo presente, da contemporaneidade.

O projeto, ao ser desenvolvido pelos alunos com a mediação do professor, tende a buscar fontes como: livros, revistas, publicações em jornais, internet, outras pesquisas desenvolvidas nas universidades, num movimento de confronto entre os diversos tipos de saberes científicos, de massa e populares.

No entanto, o esforço dos estudantes em conhecer, aprender e compreender tanto o conteúdo instrumental como o educativo não pode ser reduzido à simples leitura, mas deve possibilitar o exercício da sistematização dessa trajetória, dando lugar à compreensão do conteúdo pelos alunos.

É exatamente essa trajetória de descobertas e suas possíveis formas de resolução que dão forma aos projetos de intervenção social. Os conteúdos operativos não são outra coisa senão a sistematização do percurso percorrido pelos estudantes e suas propostas de melhoria da qualidade de vida.

Os conteúdos instrumentais, educativos e operativos, considerados por Souza, também são verificáveis em Quintás (2004) quando este acrescenta que os conteúdos educativos nos leva a compreender, interpretar, explicar as contradições, ambiguidades, conflitividades e possibilidades das realidades com as quais vivemos; enquanto que os instrumentais são os veículos expressivos que permitem ler além da palavra, mas ler o mundo, salientando que, por sermos seres de encontro, nossa ação no mundo é interventiva o que corresponde ao conteúdo operativo.

É importante salientarmos a interdependência própria desses conteúdos ressocializadores, uma vez que não são lineares como se apresentam, pelo contrário, são simultâneos de forma que um conteúdo dá sentido ao outro em permanente movimento num verdadeiro ciclo epistemológico, cultural e social.

Para exemplificar como se dá a interligação dos conteúdos ressocializadores no contexto escolar, apresentamos a imagem a seguir (Figura 1).

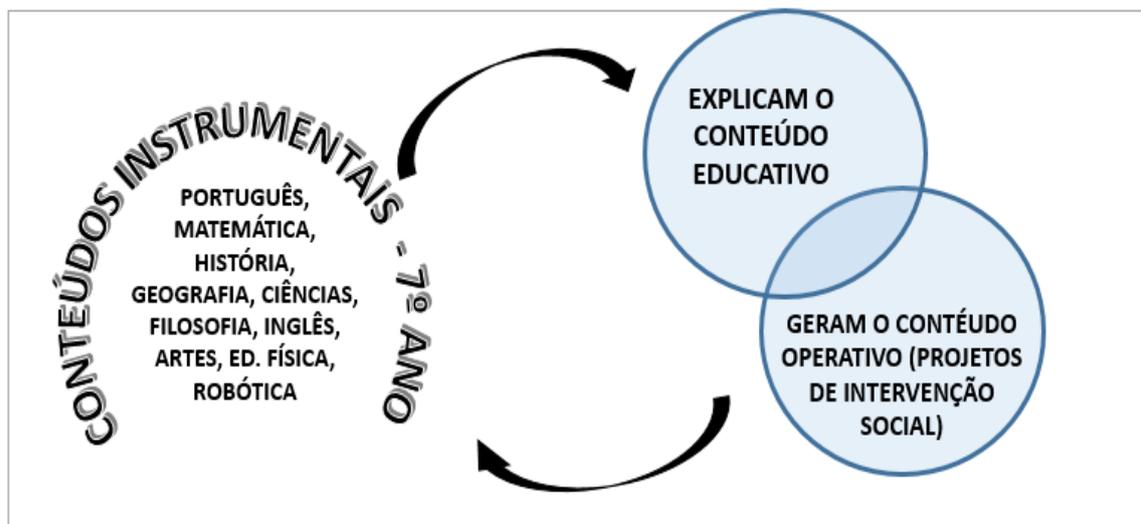


Figura 1: Conteúdos ressocializadores

Fonte: Acervo da autora, 2019

A imagem apresenta que, a partir do conteúdo instrumental, o professor organiza sua prática de ensino de tal forma que interliga o conteúdo de sua área de conhecimento com o conteúdo educativo escolhido e construído coletivamente com a comunidade escolar, a partir de uma demanda social detectada tanto no âmbito da própria escola como no universo social e cultural na qual se insere essa instituição, resultando no que denominamos de processo de ensino ressocializador.

Considerações finais

A revisão de literatura proporcionou a compreensão do ensino ressocializador, seus princípios e conteúdos, contribuindo assim de forma significativa para a construção de novos conhecimentos.

Buscou-se compreender como se dá a ressocialização como processo de ensino, bem como, o papel dos professores a partir dos saberes do aluno e do saber científico, para a construção de um novo saber, de acordo com os princípios da recongnição e da reinvenção, de forma a questioná-lo, problematizar seus pensamentos, ações e emoções, desafiando o outro a superar-se e a crescer humanamente.

Os conteúdos instrumentais, educativos e operativos proporcionam aos sujeitos a compreensão, a interpretação, a explicação das contradições, equívocos e possibilidades do contexto em que vivem, até mesmo de si. Os três conteúdos citados são cognitivos e criativos e constituem a recongnição: transformações na forma de pensar e de compreender; e a reinvenção: transformação das emoções e do agir; portanto devem estar entrelaçados.

Pode-se compreender que, a partir dos conteúdos instrumentais, vivenciam-se novas compreensões e explicações para contextualizar. Quanto aos operativos, relacionados à capacidade de projetar intervenções, os níveis de intervenção são claros nos âmbitos pessoal e local, mas mínimos de forma mais ampla.

Entende-se que o ensino ressocializador no contexto escolar são os diversos processos que ocorrem a partir da problematização de conhecimentos, sendo o resultado mudanças nas formas de ser, pensar, agir e sentir. Dessa forma, o sujeito passa a fazer novas leituras de si mesmo e do mundo, tornando-os enriquecidos culturalmente, socialmente e, sobretudo, mais humanos.

O ensino como um processo ressocializador objetiva tornar as pessoas capazes de interpretar a realidade e transformá-la. O ensino deve envolver a ética e os costumes; não deve excluir, mas deve acolher as emoções, os sentimentos, a política em favor da vida, a solidariedade, a criatividade, a autonomia, e os conhecimentos contextualizados.

Acredita-se que o ensino enquanto processo de ressocialização contribuirá para humanização dos seres humanos, pois, possibilitará no homem a consciência de si próprio, transformando a forma de pensar e instigando a emoção, sentimento este sempre lembrado pelo autor como uma qualidade humana que se encontra adormecida e que com a ressocialização poderá surgir de forma saudável reinventada.

Por fim, nesse processo de ensino ressocializador, enfatiza-se a importância do conhecimento como instrumento que possibilita leituras não só do mundo, mas de si mesmo, para que os seres humanos desenvolvam suas habilidades de pensar, de agir e de emocionar-se cada vez mais para o desenvolvimento individual e coletivo, havendo assim a transformação nas formas de ser, pensar, agir e sentir.

Referências

- BERTHOFF, A. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. Ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- QUINTÁS, A. L. **Inteligência criativa: descoberta pessoal de valores**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SOUZA, J. F. de. **E a educação: quê?? A Educação na Sociedade e/ou a Sociedade na Educação**. Recife: Bagaço, 2007.
- SOUZA, J. F. de. **Educação Escolar, nosso fazer maior, des(a)fia o nosso saber: Educação de Jovens e Adultos**. Recife: Edições Bagaço, 1999.
- SOUZA, J. F. de. **E a educação: que?.** Recife: Edições Bagaço / NUPEP-UFPE, 2004. V. 1.